



COMUNISMO NO BRASIL: ANÁLISE SOCIOLÓGICA

COMMUNISM IN BRASIL: SOCIOLOGICAL ANALYSIS

Pedro Henrique Bardini Gonçalves
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC)
pedrohenriquebardinigoncalves@gmail.com

Resumo: Este artigo aborda a discussão acerca da ilusão de uma possível instauração do sistema político comunista no Brasil. A taxação do termo comunista aos opositores do sistema vigente de forma escrachada e, na maioria das vezes, sem fundamento. O conceito que descreve o termo e suas implicações em um cenário econômico e social. Para compreender se existem ou existiram de fato intensões comunistas por detrás dos interesses de alguns partidos nacionais, faz-se uma análise e comparação do método político em relação às outras vertentes e a força dos partidos comunistas nacionais.

Palavras-chave: Comunismo. Política. Marx.

Abstract: This article approaches the discussion about the illusion of a possible instauration of the communist political system in Brazil. The taxation of the communist term to the opponents of the system in force in a slashed and, most of the time, without foundation. The concept that describes the term and its implications in an economic and social scenario. In order to understand whether Communist intensities exist or existed in fact behind the interests of some national parties, an analysis and comparison of the political method is made in relation to other aspects and the strength of national communist parties.

Keywords: Communism. Politics. Marx.

INTRODUÇÃO

Nos deparamos, vez ou outra, com um discurso de ódio, que provoca reflexões equivocadas, acerca de uma tentativa de implementação do comunismo no Brasil. Geralmente, quem se coloca em oposição à classe dominante, ao governo, é taxado de comunista. Quem nunca ouviu um integrante do governo se dirigir de forma ofensiva a um opositor utilizando esse adjetivo? Quem é contra o sistema, muitas vezes é taxado dessa forma. Ofensas aos que diferem de opinião são derramadas, às vezes, sem saber o significado dos termos utilizados. Os partidos de oposição geralmente são confundidos com comunistas. Mas o que é comunismo? Analisaremos se a iniciativa de um Comunismo no Brasil existiu e se foi colocada em prática. A metodologia utilizada neste artigo é o referencial teórico reunindo discussões já feitas por outros autores. A discussão está dividida em conceito, crítica e conclusão. Verificasse que o comunismo nunca foi instituído no Brasil e que sua intenção nunca foi, de fato, colocada em prática.

CONCEITO

O comunismo, na verdade, se refere à defesa dos interesses dos proletários, em afronta ao capitalista. Karl Marx, publicou em 1848, juntamente com Friederic Engels, o Manifesto do Partido Comunista, que se tratou de um panfleto explicativo acerca do movimento, ao mesmo tempo em que critica o capitalismo. Esse documento acabou se tornando o documento político mais importante da história. A característica mais importante do comunismo é a supressão da propriedade privada. Propriedade essa que não pertence ao proletariado, mas sim aos capitalistas. Ou seja, a abolição diz respeito à propriedade privada dos meios de produção.

Podemos destacar, nesse ponto, a luta de classes, tão debatida por Marx. Para ele, a luta de classes é o motor para as evoluções ao longo do tempo e desenvolvimento de tecnologias alterando as formas e condições de trabalho. Marx dividiu as classes em dois grandes polos distintos, resumindo os integrantes da sociedade em burgueses (capitalistas) e proletários. Os capitalistas são os proprietários dos meios de produção social e empregam trabalho assalariado, comprando esse último dos proletários. Estão também nesse grupo, os indivíduos que possuem interesses em comum e se identificam com os possuidores de capital,

como os comerciantes, proprietários de terras e possuidores de riquezas. Proletariado é a classe dos trabalhadores assalariados. Proletariado é a classe dos trabalhadores assalariados, que não possuindo meios de produção próprios, são obrigados a vender sua força de trabalho, que assume o caráter de mercadoria, para os capitalistas. Basicamente, é a batalha entre o oprimido e o opressor.

O trabalho do proletário, o trabalho assalariado, cria propriedade para o proletário? De maneira nenhuma. Esse trabalho cria o capital, isto é, a propriedade que explora o trabalho assalariado e que só aumenta na condição de originar mais e mais trabalho assalariado, para explorá-lo novamente. O patrão se apropria do excedente produzido pelos funcionários, isso é a mais-valia, cada vez mais explorada pelo capitalista.

Retirar dos capitalistas a propriedade dos meios de produção e direcioná-los ao proletariado é o conceito por detrás do comunismo. O produto, oriundo do trabalho realizado pelos trabalhadores em conjunto com os meios produtivos, seria de todos. O produto, então, seria comum. Mas essa abolição das relações de propriedade já existentes não é uma característica única e peculiar do comunismo. Constantemente, no decorrer da história, houveram alterações nessas condições pré-estabelecidas. Por exemplo, a revolução francesa aboliu a propriedade feudal em prol da propriedade burguesa.

A propriedade se divide em termos antagônicos, sendo eles, capital e trabalho. O capital é um poder social, e não um poder pessoal. Então, o capital só existe por causa da coletividade. O capital é coletivo. Não existe capital apenas com máquinas e matérias primas. É necessário que alguém manuseie esses elementos afim de produzir algo. Hoje as tecnologias estão cada vez mais se desenvolvendo e exigindo menor quantidade de trabalhadores, por exemplo, numa fábrica. Porém essa menor quantidade de trabalhadores, está cada vez mais especializada. O capital intelectual também entra nessa questão. De nada adiantam conhecimentos e informações, se não existe alguém que os organize para que outros possam consumi-los. Nessa visão, o capital não possui um caráter pessoal, mas sim coletivo.

Assim, transformando o capital em propriedade comum, ele passaria a pertencer a todos os membros da sociedade. O que se configura na proposta comunista.

Comunismo seria uma tentativa de eliminar as desigualdades sociais, colocando todos os indivíduos de uma sociedade em uma condição próxima. Não quer dizer que essa condição dos indivíduos de uma mesma sociedade seria uma boa condição social, mas seria

comum a todos. Também nos provoca uma reflexão acerca da falta de incentivo que essa condição comum pode gerar nas pessoas com relação ao trabalho.

Mas o comunismo vai além da supressão da propriedade privada. Marx, em seu livro, descreveu os 10 Mandamentos do Comunismo. Segundo ele, obedecendo esses pontos, se atingiria uma sociedade ideal:

- 1-Expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda da terra nas despesas do Estado.
- 2-Imposto fortemente progressivo.
- 3-Abolição do direito da herança.
- 4-Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes.
- 5-Centralização do crédito nas mãos do Estado, por meio de um banco nacional com capital do Estado e monopólio exclusivo.
- 6-Centralização dos meios de transporte nas mãos do Estado.
- 7-Multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção; cultivo e melhoramento das terras segundo um plano comum.
- 8-Trabalho obrigatório igual para todos; constituição de exércitos industriais, especialmente para a agricultura.
- 9-Unificação dos serviços agrícola e industrial; medidas tendentes a eliminar gradualmente as diferenças entre cidade e campo.
- 10-Educação pública e gratuita de todas as crianças. Eliminação do trabalho das crianças nas fábricas em sua forma atual. Combinação da educação com a produção material etc.

A sociedade brasileira não é, e nunca foi caracterizada por todas essas medidas em conjunto descritas por Marx. Por mais que existam políticos, que já ocuparam cargos de relevância no governo, vindos de partidos até mesmo autointitulados comunistas no Brasil, nunca houve um período onde o Brasil foi oficialmente comunista. Nem perto disso. Marx destaca que o Comunismo só seria possível em um país que se caracterizasse por um

capitalismo extremamente desenvolvido e com uma classe trabalhadora com visão revolucionária.

A primeira edição do Manifesto do partido Comunista foi publicada em 1848, entre o fim de fevereiro e o começo do mês de Março. De acordo com Andreas (1963), Marx teria, possivelmente ido até Londres entregar o texto. Ele saiu do seu exílio, em Bruxelas, para entrega-lo pessoalmente. Isso por conta da urgência que a Liga dos Comunistas, os quais encomendaram o panfleto a Marx, tinham por causa da explosão, na França, da Revolução de Fevereiro no dia 22. A Liga havia feito essa encomenda uns 2 ou 3 meses antes disso.

Importante salientar que nessa época, da encomenda, todos esperavam por uma revolução. Então Marx, juntamente com Engels, estavam vivenciando uma sociedade onde os operários do chão de fábrica estavam iniciando uma união em busca de melhorias nas condições de trabalho. União essa que havia conquistado, por exemplo, a redução da carga horária de trabalho semanal. Então o que Marx escrevia era o que ele estava vendo, assistindo, vivenciando. Para compreender esse conceito devesse fazer um retorno no tempo e observar as condições daquela sociedade onde estavam inseridos os autores. Isso é explícito no início do livro:

UM ESPECTRO RONDA A EUROPA – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa aliaram-se numa sagrada perseguição a esse espectro, o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães. Onde está o partido de oposição que não tenha sido difamado como comunista pelos seus adversários governistas, onde está o partido de oposição que não tenha arremessado de volta, aos opositores mais progressistas tanto quanto aos seus adversários reacionários, a pecha estigmatizante do comunismo? Duas coisas decorrem desse fato. O comunismo já é reconhecido como uma potência por todas as potências européias. Já é tempo de os comunistas exporem abertamente, perante o mundo todo, sua maneira de pensar, os seus objetivos, as suas tendências, e de contraporem ao conto da carochinha sobre o espectro do comunismo um manifesto do próprio partido. (MARX, 1848, p.39).

É importante, em qualquer análise acerca de estudos realizados no passado, refletir sobre a realidade histórica daquele momento, sem esquecer que essa realidade frequentemente não se confunde com a atualidade, por mais que alguns pontos ainda reflitam em nossa sociedade. Na época em que foi escrito o Manifesto Comunista, essa posição política era reconhecida como uma potência na Europa. O que o autor escreveu era o que ele analisava acerca de acontecimentos de sua sociedade.

CRÍTICA

Outro ponto importante é verificar que o capitalismo para Marx é crítica, mas também é elogio. Ele reconhece que o capitalismo é necessário para que, posteriormente, possa ser instaurada a sua ideia de sociedade ideal, comunista. Então, as tecnologias são fundamentais para o desenvolvimento de melhorias nas produções de riquezas, bens. E essas tecnologias surgem com o capitalismo e sua manutenção, até porque o capitalismo só pode existir enquanto se reinventa. Esses desenvolvimentos tecnológicos permitiriam, em seguida, a colocação do comunismo como sistema político oficial de um país. O capitalismo seria, então, um degrau necessário para o comunismo. Quanto maior a industrialização e seu desenvolvimento tecnológico, maior a quantidade de proletários. O capitalismo desenvolve e melhora as tecnologias de comunicação, facilitando o escoamento da informação e, também, a disseminação de ideias e opiniões. Segundo Marx, o capitalismo cria as armas para sua possível derrota. E não somente as armas, mas cria as pessoas que empunharão essas armas.

Vemos nos 10 Mandamento do Comunismo de Marx que ele prevê a interferência do Estado na economia de forma a defender os interesses dos proletários. Ao contrário do que ocorria naquele período, onde o Estado era manipulado pela classe dominante e defendia seus interesses. Então, no Manifesto Comunista, o Estado ideal seria aquele que priorizaria a coletividade dos bens, do fim das desigualdades.

Se pode fazer um embate entre o papel do Estado no Comunismo e no Liberalismo. O último defende que quanto menos interferência do Estado na economia, melhor. Segundo Adam Smith (1776) o Estado, ao invés de ajudar, atrapalha quando interfere na economia. No livro *A riqueza das Nações*, ele diz que o capital poderia se autorregular. Aí entra um famoso conceito de Adam Smith, o da mão invisível. Para ele, se não houvesse interferência do Estado, a Economia iria se autorregular na base da Oferta e da Procura. Os preços encontrariam um ponto de equilíbrio e a competitividade, impulsionada e resultante da liberdade econômica, geraria novidades que atenderiam as novas necessidades dos consumidores. “Ao perseguir seus próprios objetivos, o indivíduo muitas vezes promove o interesse da sociedade muito mais eficazmente do que quanto tenciona realmente promovê-lo.” (SMITH, 1776).

Se pode, também, confrontar o papel do Estado no Comunismo com o papel do Estado pela ótica Keynesiana, onde o Estado deve participar e ser ativo em segmentos

importantes na economia, mas que por algum motivo, não são de interesse da iniciativa privada.

A mais importante Agenda do Estado não está relacionada com as atividades que os indivíduos já realizam a nível particular, mas às funções que estão fora do âmbito individual, àquelas decisões que ninguém adota se o Estado não o faz. Para o governo, o mais importante não é pegar nas coisas que os particulares já estão fazendo, e fazê-las um pouco melhor ou pior, mas pegar naquelas coisas que realmente deixam de ser feitas. (KEYNES, 1926, p.273).

O Keynesianismo, prevê, além disso, a interferência do Estado na tentativa de corrigir e superar crises decorrentes do liberalismo econômico. Crises essas, previstas por Karl Marx em O Manifesto Comunista. Coloca uma inevitabilidade do Estado de procurar maneiras de reprimir o desequilíbrio da economia. Em outras palavras, os governos deveriam aplicar grandes quantidades de recursos em investimentos que visem aquecer a economia de modo geral. Então, para Keynes, o Estado trabalha junto com os capitalistas. Vemos esse conceito muito presente em nossa sociedade hoje em dia. O Estado interfere muito na economia do Brasil, tanto na tributação, como no papel de injetor de recursos no circuito econômico, contratando serviços e realocando capital na economia.

Segundo Sachs (1990) muitos dos males sociais e econômicos vivenciados no Brasil têm origem nas intensas desigualdades sociais presentes em nosso país ao longo dos anos e nos conflitos decorrentes dessa concentração de renda. Poucos ganham muito e muitos ganham pouco.

Políticas populistas costumam ser utilizadas na tentativa de minimizar, ou mascarar, os efeitos decorrentes da longa distância entre as realidades financeiras dos dois polos sociais, ricos e pobres.

Para Weffort (2006), a política de medidas populistas se configura, fundamentalmente, em uma reunião mais próxima entre líderes e massa. É mais uma forma de atuar no poder do que conceito de ações. Medidas populistas de redução de impostos em excesso, muitas vezes são criticadas e colocadas como planos comunistas. Isso pelo fato de, nesse caso, favorecer as classes mais baixas da sociedade. Posteriormente, esses excessos podem causar danos ao caixa do governo, mas momentaneamente, mantém o governante em proximidade com o povo. Prestígio é alcançado ao se realizar esse tipo de politicagem, conseguindo o realizador se manter no poder por mais tempo. Por mais que favoreça os mais pobres, não se deve ligar esse tipo de medida ao comunismo, pois são realizadas tanto por

partidos de direita como de esquerda, esses últimos ligados com frequência às ideias comunistas. Populismo favorece o capitalismo momentaneamente, pois alavanca o giro da economia.

De acordo com Pacheco (1984) o surgimento de partidos autodeclarados comunistas, no Brasil, começou em 1922 com a fundação do Partido Comunista Brasileiro, sigla PCB. Esse partido posteriormente se dividiu em dois, dando origem ao PC do B, Partido Comunista do Brasil. Inicialmente inspirados pela revolução russa de 1917, uma rebelião socialista, onde os Bolcheviques liderados por Lenin assumiram o poder, criando em seguida a União Soviética, que durou até 1991. A princípio tinham como objetivo o Comunismo descrito por Marx. Posteriormente deturparam o conceito comunista descrito por Marx. Em 1924, com a morte de Lenin, Trotsky e Stalin disputaram o poder, tendo Stalin como vitorioso. “No Programa do Partido Comunista do Brasil não se incluem os princípios filosóficos lenistas.” (BICALHO, 1980). Essa apropriação do comunismo e de formato político por esses personagens manchou o ideal de comunismo ao redor do mundo, gerando inúmeras críticas. Direcionada aos sistemas Capitalismo e Socialismo, essa última se estendendo ao Comunismo, uma famosa frase que demonstra o sentimento expresso por muitos ao redor do mundo: “A desvantagem do capitalismo é a desigual distribuição das riquezas; a vantagem do socialismo é a igual distribuição das misérias.”(CHURCHILL, 1930).

Em meados da década de 1950, partidos comunistas pelo mundo todo foram impactados pelas revelações feitas durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1956. Nele, Nikita Krushev divulgou um relatório secreto denunciando os crimes de Stálin, as perseguições aos seus opositores e os expurgos ocorridos na União Soviética. Criticou-se o estalinismo e o “culto à personalidade”, um de seus aspectos mais evidentes. Também foi nesse congresso que a URSS passou a apregoar a coexistência pacífica, com a diminuição das “tensões internacionais”, com o objetivo de “consolidar a paz” (KRUSCHEV, s/d). O relatório sobre os crimes de Stálin foi recebido inicialmente como uma farsa pelos comunistas brasileiros. Somente com o retorno de Arruda Câmara da União Soviética foi que o PCB pode confirmar sua veracidade. O impacto do XX Congresso do PCUS foi profundo no partido, que em 1958 passou a adotar uma nova linha política. (Mechi, 2014, p.146).

O foco aqui é refletir acerca do conceito de Marx e Engels. O PCB e o PC do B são os únicos partidos nomeadamente comunistas no Brasil, apesar de apoio e participação em governos, como o do Partido dos Trabalhadores.

Contudo, verificasse uma contradição acerca da instituição de um movimento comunista real no país. O que ocorre são discursos buscando a simpatia ou antipatia, dependendo do partido que discorre sobre o assunto, para atingir tanto o eleitorado quanto as oposições.

CONCLUSÃO

A idealização de uma revolução democrático burguesa, até hoje, não passa de um item ideológico de agremiação política. A justificativa para as críticas dirigidas aos partidos de esquerda utilizando o adjetivo de comunista, muitas vezes, é a intenção divulgada de favorecer os trabalhadores e operários. Nunca em nosso país, o conceito descrito por Marx em O Manifesto Comunista foi colocado, ao todo, em prática. Basta analisarmos os 10 Mandamentos do Comunismo e compararmos com a realidade histórica brasileira para notarmos que o Brasil nunca foi comunista.

REFERÊNCIAS

ANDRÉAS, Bert. **Le manifeste communiste**. Feltrinelli, 1963.

BICALHO, Luiz de Carvalho. PCB: processo de cassação de registro (1947). Belo Horizonte: Aldeia Global, 1980.

CHURCHILL, Winston. **My Early Life: Autobiography of Winston Churchill**. 1930.

KEYNES, John Maynard. *The end of laissez-faire*. Londres, 1926.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Londres, 1848.

MECHI, Patrícia Sposito. Partido Comunista Brasileiro e Partido Comunista do Brasil: meio século de disputa pela memória comunista. **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, 2014.

PACHECO, Eliezer. **O partido comunista brasileiro (1922-1964)**. editora Alfa-ômega, 1984.

SACHS, Jeffrey D. Conflito social e políticas populistas. **Revista de Economia Política**, v. 10, n. 1, p. 37, 1990.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Londres, 1776.

WEFFORT, Francisco C. **Formação do pensamento político brasileiro: ideias e personagens**. Editora Ática, 2006.

SOBRE O AUTOR

Pedro Henrique Bardini Gonçalves

Possui graduação em Economia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC).

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1663863382322289>

Recebido em outubro de 2019.
Aceito para publicação em dezembro de 2019.
Publicado em março de 2020.